

FACULDADE DE CAMPO LIMPO PAULISTA – FACCAMP

PRISCILA LOPES BIAZOTTI – 7950

SUELEN DE CÁSSIA BIAZOTTI – 7931

O AFETO NA APRENDIZAGEM

Campo Limpo Paulista

2010

PRISCILA LOPES BIAZOTTI – 7950

SUELEN DE CÁSSIA BIAZOTTI – 7931

## O AFETO NA APRENDIZAGEM

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia, sob orientação da Profa. Ms. Fernanda Ferracini

2010

## DEDICATÓRIA

Dedicamos este trabalho ao autor Gabriel Chalita, pois, através de seu livro: “Educação, a solução está no afeto”, que veio a inspiração para o tema do nosso trabalho, além da nossa grande admiração por seu trabalho como educador.

# AGRADECIMENTOS

Agradecemos primeiramente a Deus, pelo dom da vida que ele nos deu, por nos dar a graça de sermos servas, seguindo-o incansavelmente, pois, sabemos que mesmo nas dificuldades, sua presença é constante em nossas vidas.

Aos nossos familiares, que sempre nos apoiou e nos amou e acima de tudo nos deu forças para continuar caminhando para a conclusão do curso.

Aos nossos namorados que sempre tiveram paciência e compreensão.

E aos professores do curso de Pedagogia Fernando Campos e Fernanda Ferracini que foram fundamentais para chegarmos até aqui.

## EPÍGRAFE

*“O amor é paciente, o amor é bondoso. Não tem inveja. O amor não é orgulhoso. Não é arrogante. Nem escandaloso. Não busca os seus próprios interesses, não se irrita, não guarda rancor. Não se alegra com a injustiça, mas se rejubila com a verdade. Tudo desculpa, tudo crê, tudo espera, tudo suporta. O amor jamais acabará.”*

*(I Coríntios, 12: 4 - 8a)*

## RESUMO

O trabalho de conclusão de curso tem como abordagem a influencia que as relações afetivas exercem no processo de aprendizagem dos alunos. Tendo como base, teóricos que estudaram e pesquisaram sobre o assunto, analisamos a idéia e proposta a fim de compreender a contribuição das relações afetivas entre professores, alunos e pais para a formação do ser humano intelectual e emocional. Esta pesquisa buscou refletir sobre a afetividade como fator importante no convívio diário em sala de aula, entre professor e aluno, desenvolvendo análises sobre a interligação entre a afetividade, a aprendizagem e o afeto como parte fundamental do desenvolvimento da inteligência. Analisamos quais ações pedagógicas e familiares favorecem a afetividade no trabalho do professor e dos pais para educar e formar pessoas realizadas e felizes. Este trabalho foi desenvolvido com enfoque qualitativo e de cunho bibliográfico em que por meio dessa metodologia, verificamos a trajetória das relações vividas na formação dos alunos e sua vinculação com o processo educacional.

Palavras Chaves: Afetividade, Professor-Aluno, Família-Aluno, aprendizagem.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	08
1. AFETIVIDADE .....	09
1.1 ALGUNS CONCEITOS.....	09
1.2 AFETO E DESENVOLVIMENTO.....	12
2. O AFETO NA APRENDIZAGEM .....	15
2.1 A INFLUÊNCIA DA AFETIVIDADE NA APRENDIZAGEM.....	15
2.2 O AFETO NA EDUCAÇÃO .....	18
2.3 O AFETO INSERIDO NA ESCOLA (SALA DE AULA).....	21
2.4 O PROFESSOR COMO MEDIADOR DO PROCESSO .....	25
3. A IMPORTÂNCIA DO AFETO NO VÍNCULO PARENTAL.....	31
3.1 O AFETO NA FAMÍLIA .....	31
3.2 A FAMÍLIA E SUA INFLUÊNCIA NA ESCOLA .....	35
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	38
REFERÊNCIAS.....	39

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho de graduação refere-se a um estudo sobre a importância da afetividade na aprendizagem, abordando aspectos no desenvolvimento da criança, no convívio em sala de aula e na relação professor e família.

O interesse por este tema surgiu da necessidade de buscar explicações para o sucesso ou fracasso das crianças em sua aprendizagem, considerando que muitas vezes essa diferença entre o sucesso e o fracasso ocorre em crianças que pertencem a diferentes ambientes escolares e familiares.

Sendo assim, nos aprimoramos de estudos que trazem a importância da afetividade na visão de vários autores, para entender a importância de um ambiente agradável e afetivo tanto na escola como no ambiente familiar, saber se uma relação amorosa contribui para a aprendizagem.

Nosso trabalho foi dividido em três capítulos, sendo cada um deles, subdividido em subtítulos, objetivando um melhor entendimento.

O primeiro capítulo traz alguns conceitos de afetividade e a importância no desenvolvimento.

O segundo capítulo aborda a importância da afetividade na aprendizagem envolvendo o professor na sua relação com os alunos em sala de aula.

O terceiro capítulo refere-se a importância da família no convívio diário e sua influência na participação da vida escolar.

O trabalho segue as seguintes etapas: levantamento bibliográfico, construção do trabalho e considerações finais.



# CAPÍTULO 1 - AFETIVIDADE

## 1.1 ALGUNS CONCEITOS

O verbete afetividade, segundo o dicionário Aurélio (1999), se define como: [De afetivo + -(i) dade.] 1. Qualidade ou caráter de afetivo. 2. Conjunto de fenômenos psíquicos que se manifestam sob a forma de emoções, sentimentos e paixões, acompanhadas sempre da impressão de dor ou prazer, de satisfação ou insatisfação, de agrado ou desagrado, de alegria ou tristeza.

Também no dicionário Aurélio (1993) encontra-se as seguintes definições: Afetividade: *sf.* Qualidade ou caráter de afetivo. A palavra afeto, como: 1. Afeição, amizade, amor. 2. Objeto de afeição. Afetuoso tem a seguinte definição: (ô) *adj.* Afetivo. E por fim afetivo: *adj.* 1. Relativo a afeto. 2. Que tem ou em que há afeto, afetuoso.

O dicionário Houaiss (2001) define a palavra afetividade como: 1. Qualidade ou caráter de quem é afetivo. 2. PSIC conjunto de fenômenos psíquicos que são experimentados e vivenciados na forma de emoções e de sentimentos. 3. PSIC Tendência ou capacidade individual de reagir facilmente aos sentimentos e emoções; emocionalidade – ETIM afetivo + i + idade; afeccionalidade; sinonímia de meiguice.

Alguns autores importantes também definem afetividade num contexto mais amplo, defendendo a sua importância.

Médico, psicólogo e filósofo francês Henri Wallon (1879 – 1962), foi o primeiro estudioso a levar a criança integralmente, inclusive sua emoção para a sala de aula. Para ele a emoção tem uma função primordial no desenvolvimento da pessoa e é por meio das emoções que o aluno exterioriza suas vontades e desejos.

Segundo o autor, a afetividade possui um papel fundamental no desenvolvimento da pessoa, pois é por meio dela que o ser humano demonstra seus desejos e vontades.

Sem afeto não haveria interesse, necessidade e nem motivação, conseqüentemente, perguntas ou problemas nunca seriam colocados e não haveria inteligência. A afetividade é atribuída como uma condição inevitável na construção da inteligência, mas também não é suficiente.

Formado em Biologia Jean Piaget (1896-1980) especializou-se nos estudos de conhecimento humano. Para o autor a criança constrói sua realidade como um ser humano singular situação em que o cognitivo está em supremacia em relação ao social e o afetivo. Piaget afirma que a afetividade é a energia que move as ações.

O afeto é visto como uma força que impulsiona as ações, dessa maneira a afetividade tem uma grande responsabilidade em lançar as crianças adiante, fazendo-as progredir naquilo que já sabem aprender coisas novas, ensinar coisas diferentes e adquirir conceitos que a levarão a ter excelentes atitudes em diversas situações que enfrentarão em toda a vida.

Lourinda Ramalho de Almeida e Abigail Alvarenga Mahoney afirmam que a afetividade:

Refere à capacidade, à disposição do ser humano de ser afetado pelo mundo externo e interno por meio de sensações ligadas a tonalidades agradáveis ou desagradáveis. a teoria apresenta três momentos marcantes, sucessivos, na evolução da afetividade: emoção, sentimento e paixão. os três resultam de fatores orgânicos e sociais e correspondem a configurações diferentes e resultantes de sua integração: nas emoções, há o predomínio da ativação fisiológica; no sentimento, da ativação representacional; na paixão, da ativação do autocontrole. (ALMEIDA e MAHONEY, 2007. p.7)

Para a psicanálise, segundo Advanda Soares de Andrade (psicanálise é uma área clínica de investigação teórica desenvolvido por Sigmund Freud, médico e neurologista vienense nascido em 1856. Propõem-se a compreensão e análise do homem, visto enquanto sujeito do inconsciente) define afetividade como:

(...) um conjunto de fenômenos psíquicos manifestados sob a forma de emoções ou sentimentos e acompanhados da impressão de prazer ou dor, satisfação ou insatisfação, agrado ou desagradado, alegria ou tristeza; e afeto, o termo que a psicanálise foi buscar na terminologia psicológica alemã, exprime qualquer estado afetivo, penoso ou desagradável, vago ou qualificado, quer se apresente sob a forma de uma descarga maciça, quer como tonalidade geral. (ANDRADE, 2007. p.4)

A afetividade é essencial na formação de pessoas felizes, éticas, seguras e capazes de conviver com o mundo no qual estão inseridos, é imprescindível, que haja além do carinho, uma maior aproximação da criança, saber ouvi-la, valorizá-la e acreditar nela, dar abertura para a sua expressão.

Assim a afetividade passa a ser compreendida por nós como substância que nutre estas ações e não um puro ato de “melosidade”.

## 1.2 AFETO E DESENVOLVIMENTO

Reconhecendo a importância do afeto no desenvolvimento do ser humano, Almeida e Mahoney caracterizam os seguintes estágios segundo Wallon:

Estágio impulsivo-emocional (0 a 1 ano) – a criança expressa sua afetividade por meio de movimentos desordenados, em respostas a sensibilidades corporais dos músculos (proprioceptivas) e das vísceras (interoceptivas) e do mundo externo (sensibilidade exteroceptiva), para satisfazer suas necessidades básicas.

Estágio sensório-motor e projetivo (1 ano a 3 anos) – já dispendo da marcha e da fala, criança volta-se para o mundo externo (sensibilidade exteroceptiva), para o contato e a exploração de objetos e pessoas de seu contexto.

Estágio personalismo (3 anos a 6 anos) – é a fase de descobrir diferenças das outras crianças e do adulto. Compreende três fases: oposição, sedução e imitação.

Estágio categorial (6 anos a 11 anos) – com a diferenciação mais nítida entre o *eu* e o *outro*, há condições para exploração mental do mundo externo, mediante atividades cognitivas de agrupamento, classificação, categorização em vários níveis de abstração.

Estágio puberdade e adolescência (11 anos em diante) – aparece aqui a exploração de si mesmo, na busca de uma identidade autônoma, mediante atividades de confronto, auto-afirmação, questionamento. O domínio de categorias de maior nível de abstração, entre as quais a categoria dimensão temporal, possibilita a discriminação mais clara dos limites de sua autonomia e de sua dependência, acrescida de um debate sobre valores.

Idade adulta – apesar de todas as transformações ocorridas nas fases anteriores, o adulto se reconhece como o mesmo e único ser: reconhecem suas necessidades, possibilidades e limitações, seus sentimentos e valores assumem escolhas em decorrência de seus valores. Há um equilíbrio entre “estar centrado em si” e “estar centrado no outro. (WALLON apud ALMEIDA E MAHONEY, 2007. p.18)

Os vários aspectos de desenvolvimento estão em interação: aspectos físicos, sociais, emocionais do crescimento e desenvolvimento, agem um sobre os outros extensa e inseparavelmente.

O afeto e o desenvolvimento cognitivo são aspectos indissociáveis que não se desenvolvem individualmente, é necessário, portanto, que a compreensão seja clara tanto para os professores, educadores quanto para os pais, para que a formação do indivíduo aconteça sem que se perca nenhum dos dois aspectos em cada faixa etária de seu desenvolvimento. Pensando nas crianças, faz-se necessário, que os educadores e também a família que estão envolvidos no processo de desenvolvimento das mesmas, saibam a dinâmica para que essa boa relação afetiva não se perca no momento em que ela é essencial para o desenvolvimento cognitivo.

Ana Rita Silva de Almeida segundo Wallon afirma: “Os primeiros manifestos da criança se dá através de suas ações” (WALLON apud ALMEIDA, 2007. p. 42).

Antes mesmo da inteligência, o que nasce na criança é a emoção, pois ela se desenvolve olhando para si mesma, e a partir daí começa a interagir com o mundo ao seu redor.

Quanto mais o tempo passa e a criança vai crescendo, maior a forma de transmitir afeto; ela precisa notar em seu desenvolvimento que em cada fase, cada aprendizado, tem alguém torcendo, apoiando e amando-a.

Yves de La Taylle, Marta Kohl Oliveira e Heloysa Dantas afirmam:

A afetividade não é apenas uma das dimensões da pessoa: ela é também uma fase do desenvolvimento a mais arcaica. Portanto, no início da vida, afetividade e inteligência estão sincreticamente misturadas com o predomínio da primeira. (LA TAYLLE, OLIVEIRA e DANTAS, 1992, p.90)

O afeto é essencial e fundamental desde o início do desenvolvimento, que acompanha o ser humano em todas as fases e assim quando a criança passa a ter contato com o afeto no momento de seu desenvolvimento intelectual, esse passa a acontecer de forma produtiva e positiva para todas as pessoas que estão inteiramente envolvidas com a educação da criança. Todo ser humano precisa de limites e também de regras, mas também é movido essencialmente pelo carinho e pelo amor.

A afetividade exerce um papel fundamental na vida e no desenvolvimento das pessoas e forma um elo na relação entre professores, alunos, pais, filhos. O afeto move as ações dentro da escola, da família, de uma sociedade, por isso, que o afeto deve ser a peça principal da relação entre as pessoas e para o desenvolvimento das mesmas.

La Taylle, Oliveira e Dantas concluem: “Todavia ao longo desse desenvolvimento, o princípio permanece o mesmo: a afetividade é a mola propulsora das ações, e a razão está a seu serviço.” (LA TAYLLE, OLIVEIRA e DANTAS, 1992. p.65)

A escola busca o desenvolvimento intelectual e não se dá conta de que o cognitivo fundamenta-se nas relações emocionais que ocorrem em todo tempo, a todo o

momento na instituição escolar que é o espaço principal das relações humanas, onde os envolvidos (alunos e educadores) estão em constante transformação e desenvolvimento.

Pode-se concluir nas palavras de Conceição Aparecida F. L. Panizzi, que: “A escola é um campo fértil, onde essas relações a todo tempo se evidenciam, seja através dos conflitos e oposições, seja do diálogo e da interação” (PANIZZI, s/d. p. 4)

## CAPÍTULO 2 - O AFETO NA APRENDIZAGEM

### 2.1 A INFLUÊNCIA DA AFETIVIDADE NA APRENDIZAGEM.

Educar para afetividade tem sido objeto de estudo nas últimas décadas e hoje os educadores já conseguem racionalmente mapear com alguma precisão os aspectos afetivos e a sua interferência na vida social e intelectual da criança.

Algumas fontes sobre estudos feitos sobre a aprendizagem como se cita no artigo de Andrade (2007), muitas vezes ignoram a importância do afeto nos processos cognitivos do indivíduo, tratando a afetividade como parte da socialização. Nota-se atualmente que há interesse em estudar o afeto como influencia na aprendizagem.

La Taylle, Oliveira e Dantas (1992) afirmam que o afeto de fato incorpora nas construções da inteligência. Além disso, afirmam: “A afetividade depende para evoluir, de conquistas realizadas no plano da inteligência e vice-versa.” (LA TAYLLE, OLIVEIRA e DANTAS, 1992. p.90)

Andrade segundo Dell’Agli e Brenelli nos diz que:

A ação, seja ela qual for, necessita de instrumentos fornecidos pela inteligência para alcançar um objetivo, uma meta, mas é necessário o desejo, ou seja, algo que mobiliza o sujeito em direção a este objetivo e isso corresponde à afetividade. (DELL’AGLI e BRENELLI apud ANDRADE, 2007, p.25).

A raiva e a agressividade surgem da frustração, que ocorrem quando alguém se vê impedido por outro ou por ele mesmo de satisfazer uma exigência pulsional. Assim, crianças que acumulam experiências de frustrações, de falta de amor podem adotar a agressividade como uma maneira de se proteger, o medo pode prejudicar a aprendizagem do aluno quando esse não se sente motivado a superar este sentimento.

Crianças ansiosas podem ter seu desenvolvimento de aprendizagem comprometido por ficarem mais desatentas e com baixa concentração, e, como tem dificuldades em controlar suas emoções podem ter suas percepções distorcidas. A ansiedade pode ser gerada por fatores externos como insegurança de algo que não tem domínio, dificuldade de entender ou executar tarefas ou quando são muito exigidas frente às expectativas do adulto.

Desta forma, as crianças que apresentam dificuldades de aprendizagem se vêem como incompetentes interferindo em seu autoconceito e em sua capacidade de reverter à situação. Socialmente podem apresentar comportamento de isolamento, dependência, passividade e até mesmo submissão, por se sentirem menos respeitadas e aceitas.

Uma criança se torna autônoma e confia em si, quando recebe amor, a criança é bem resolvida e controla as suas ações e atitudes e consegue saber o que é felicidade quando ela é amada. As manifestações afetivas constroem positivamente a autonomia e confiança nas práticas dos alunos.

Lev Semwnovitch Vygotsky (1994) destaca a importância da interação social, diz que é fundamental para a construção da aprendizagem. Defende que o processo da construção de conhecimento depende exclusivamente da interação que ocorre entre os indivíduos. Portanto é através do envolvimento com outras pessoas que a criança vai se desenvolver. Destaca ainda a importância do contato com as pessoas não apenas para o desenvolvimento do intelecto, mas também da construção de si próprio.

A transmissão de afeto ameniza a ansiedade, a agitação, o mau-humor, passando confiança para quem ensina e essencialmente para os que aprendem.

Afetividade é utilizada para referir-se a uma significação muito ampla, pois indica tudo que o individuo vivencia e as formas que se expressas sendo elas, completamente humana.

Seria, portanto mais adequado compreende o afeto como qualidade das relações existentes entre os seres humanos e também expressão das experiências vividas por cada um, sejam elas, boas ou ruins.

Toda aprendizagem está impregnada de afetividade, já que ocorre, a partir das interações sociais, os indivíduos que se envolvem nesse processo trocam afeto todo momento, pois não tem como ensinar e aprender sem se envolver.

Assim a transmissão de conhecimentos e conceitos, necessita da interação entre as pessoas e também do contato que vem de forma explicita quando duas pessoas trocam informações, portanto nessas relações para que haja compreensão de



ambas as partes são necessárias que diretamente ou indiretamente ocorra à troca de afeto, pois essa troca permitirá que os indivíduos com suas limitações se compreendam e consigam comunicar-se de forma controlada.

A relação que o homem tem com os demais indivíduos, permite que ele se desenvolva, a interação que acontece nos ambientes em que as crianças estão inseridas, proporciona muitas situações de aprendizagem e desenvolvimento (intelectual e moral). No relacionamento com os outros ela (a criança), passa então a adquirir conceitos.

Assim, La Taylle, Oliveira e Dantas afirmam que: “Somente com a cooperação, o desenvolvimento intelectual e moral pode ocorrer, pois ele exige que os sujeitos de descentrem para poder compreender o ponto de vista alheio.” (LA TAYLLE, OLIVEIRA e DANTAS, 1992, p.59).

## 2.2 O AFETO E A EDUCAÇÃO

Educar tendo como base o afeto requer muita dedicação, participação na vida dos envolvidos. A busca por uma sala de aula tranqüila, calma é investir nos caminhos afetivos de educar as crianças. Educar com amor, embasado nessa educação é a solução de muitos problemas vividos hoje na educação.

O autor Gabriel Chalita destaca: “Trata-se apenas de um novo olhar para esse universo a ser descortinado. Um olhar de afeto, um olhar amoroso. Educação e afeto.” (CHALITA, 2004. p.11).

Educar para o afeto não é a supressão das emoções, mas sim alcançar a temperança: a meta é o equilíbrio, é evitar os excessos e os descontroles emocionais que na maioria das vezes reflete de forma prejudicial no desenvolvimento da criança, que segundo Chalita: “(...) toda ação humana é preciso que exista reflexão.” (CHALITA, 2004. p.91).

Como é possível não refletir sobre a educação se ela é uma ação extremamente humana. Refletir que um bom relacionamento é parte fundamental para aprender, o professor que é capaz de refletir e compreender que o apoio, o estímulo e o carinho precisam estar presentes nas aulas, obterá sucesso em suas realizações.

Panizzi afirma: “o sujeito não aprende se não se sente mobilizado ou estimulado para o conhecer, se não for envolvido por ele.” (PANIZZI, s/d. p. 15)

A educação do afeto requer além de reflexão mudanças, escolhas, que possibilite ao professor, mudar o percurso, o caminho que não está apresentando bons resultados.

Segundo Chalita (2004) não tem como negar que a sala de aula ministrada por alguém que sabe compreender os alunos, que apóia e se preocupa com cada um deles e que ama verdadeiramente o que faz e se dedica a quem faz, com certeza no final perceberá que a educação tem muitas essências é primordial que o amor seja parte dessa educação.

Sabe amar aquele que vive e experimenta o amor, o professor precisa levar os alunos a provar o afeto em suas muitas dimensões, os alunos serão dessa forma educados afetivamente se sentirem que os que estão lhe educando, são pessoas capazes de traçar afeto também em sala de aula.

Nos momentos difíceis é o professor que vai auxiliar e dar suporte aos alunos, porque é evidente que no decorrer do ano o aluno apresente medo, insegurança, dificuldade e o professor é quem estará mais próximo para atender as suas necessidades. É nesse sentido que caminha a educação pelo afeto, na cumplicidade, no companheirismo, na partilha.

Almeida aponta que:

A emoção deve ser entendida como um aspecto tão importante quanto a própria inteligência e que, como ela, está presente no ser humano. A emoção deve ser entendida como uma ponte que liga a vida orgânica a psíquica. É o elo necessário para a compreensão da pessoa como um ente completo. (ALMEIDA, 2007. p.12)

Hoje se fala muito em desenvolvimento pleno dos alunos, mas em qual sentido se pretende formar esse aluno? Questionamentos que levam muitos educadores a refletir qual é a formação que os alunos precisam para ser plenos.

Nos dias atuais é muito difícil pensar em que a educação precisa mudar, o afeto é um caminho, mas muitos não dão valor algum para essa educação que levaria a plenitude em muitos sentidos do desenvolvimento. Os professores ainda resistem em ser afetuosos em suas aulas, pensam no lado profissional e não conseguem perceber que a profissão envolve vidas.

O autor Chalita diz que:

Pleno, significa o oposto da visão conteudista ou reducionista, que tem como foco apenas o desenvolvimento da habilidade cognitiva. Trata-se de ampliar a responsabilidade da educação para as habilidades sociais e psicológicas, prioriza a afetividade, (...). (CHALITA, 2004 p. 126)

O professor afetivo é aquele que valoriza e que se alegra com a evolução dos alunos. Educar com amor é um processo que acontece ao longo dos dias e que se

constrói em cada situação. A educação tem como essência o bom relacionamento para que seja frutífera e aconteça de maneira equilibrada e positiva.

O mínimo de afeto que for demonstrado pelo professor, seja uma palavra, um gesto, pode lançar para frente o aluno com dificuldade, com problemas emocionais, auxilia e promove no seu pleno desenvolvimento.

Augusto Jorge Cury nos alerta: “Que por trás de cada aluno arredoio, de cada jovem agressivo, há uma criança que precisa de afeto.” (CURY, 2003. p.97).

### 2.3 O AFETO INSERIDO NA ESCOLA (SALA DE AULA).

Cury afirma: “A sala de aula não é um exercício de pessoas caladas nem um teatro onde o professor é o único ator e os alunos, espectadores passivos.” (CURY, 2003. p. 125).

A escola, especificamente a sala de aula é o lugar onde as crianças têm o seu primeiro contato social, longe da família é onde eles encontram espaço para falar de suas experiências, para expor suas idéias e conhecem também dentro desse ambiente, outras culturas, novas formas de vida, outros pensamentos e conhecimentos. Nesse espaço as crianças começam também a construir novos relacionamentos (amizades) e passam a ter contato direto com outros indivíduos, dessa maneira o relacionamento e convivência dentro de uma sala de aula ou até mesmo dentro da escola precisa acontecer de forma que leve as crianças a ter segurança, pois passam parte do seu dia convivendo com essas pessoas que fazem parte da sua vida e de sua formação enquanto pessoa intelectual e moral.

Em muitos casos a escola deixa de ser uma atividade prazerosa e passa a ser apenas obrigação de cumprimento de deveres, dessa forma o aluno perde o vínculo afetivo com as pessoas que fazem parte desse ambiente.

Para La Taylle, Oliveira e Dantas, segundo Émile Durkheim a educação pelo afeto deve ultrapassar as paredes da escola e estar além da sala de aula afirmando:

(...) a educação moral não deve se restringir a uma sala de aula específica, mas deve estar presente a todo o momento, estar integrada a toda vida escolar, pois ela é parte integrante de toda a trama da vida coletiva. (DURKHEIM apud LA TAYLLE, OLIVEIRA e DANTAS, 1992. p.57).

A educação pelo afeto é um caminho eficiente para que a criança aprenda muito, tanto dentro da sala de aula, como também fora dela. É preciso dar continuidade no que se aprende em uma sala de aula e não deixar na escola e viver outra coisa fora dela.

As escolas devem, portanto compreender a importância da educação pelo afeto que não deve ser confundida com melosidade ou até mesmo encoberta de erros, mas de construir e auxiliar o indivíduo em seu processo de conhecimento e desenvolvimento. Promover nossos alunos requer conhecimento e muito amor, é

necessário compreender a influência que a emoção exerce no intelectual das crianças.

Segundo La Taylle, Oliveira e Dantas: “A educação da emoção, deve ser incluída entre as propostas da ação pedagógica, o que supõe o conhecimento íntimo do seu modo de funcionamento.” (LA TAYLLE, OLIVEIRA E DANTAS, 1992. p. 89)

Condições afetivas favorecem, auxiliam na compreensão da criança especialmente em sala de aula.

Quando o aluno percebe que dentro da escola, ou até na sala de aula não é realizado um trabalho com amor, dedicação e prazer, não conseguem perceber a escola como ambiente que educa que mostra coisas novas, que trás prazer e estímulo, mas como mera obrigação e cumprimento de atividades que não lhe proporcionam nenhum interesse. Assim, a convivência começa a ser muito complicada, pois alunos e professores dividem um mesmo ambiente sem se quer dialogar durante o tempo que passam em todo um ano letivo, daí ao final o resultado de que se não houver uma boa relação, pode haver muitas falhas no desenvolvimento do aluno.

Cury afirma: “Professores e alunos vivem juntos durante anos dentro da sala de aula, mas são estranhos uns para os outros.” (CURY, 2003. p.11)

Isso significa que só permanecer durante algumas horas juntos não é o suficiente. A aproximação, o contato, o diálogo são necessário na vivencia entre professor/aluno, pois dessa maneira eles construíram laços fortes e conviveram bem em sala de aula durante o período que permanecer junto.

Os problemas de comportamento (indisciplina, agressividade, falta de limites, desobediência) dentro da sala de ala, também são acarretados muitas vezes por traumas emocionais que acontecem tanto na sala de aula como fora dela.

É preciso um tempo de convivência, diálogo, trocas para que de fato eles (professores e alunos), se conheçam saibam um da história de vida do outro, pois a partir desse laço afetivo que eles passaram a confiar, ter respeito, ouvir um ao outro.

Berlinda Mandelbaum em uma reportagem para a Revista Nova Escola, afirma: “É necessário saber o que angustia de fato a criança. E isso ocorre se for estabelecido

um diálogo honesto e livre de preconceitos entre os envolvidos na educação dela.” (MANDELBAUM, 2010. p.34)

Quando os alunos conhecem e experimentam o afeto em todas as suas dimensões, ele lhes dá segurança, fazendo com que naturalmente tenham vontade de participar das atividades propostas, sem que elas sejam repetitivas, sem sentido e vista apenas como obrigação a ser cumprida e esse bom relacionamento afetivo faz com que as crianças explorem com mais empolgação o mundo que as cerca.

Por isso, podemos notar a importância que existe quando em sala de aula o professor consegue perceber que essa troca de afeto é necessária para que os seus alunos consigam evoluir e construir conhecimentos através da relação estabelecida entre eles. E quando esse processo ocorre de forma contrária é visível à dificuldade do professor em compreender seus alunos e vice-versa e assim perde-se o elo afetivo entre eles.

Quando uma criança recebe estímulo na prática de seus conhecimentos ela se sente capaz de evoluir a partir desse momento. O afeto é o que impulsiona e lança adiante na hora que os alunos encontram dificuldades e não encontram respostas e soluções para os problemas que o intelectual sozinho não consegue resolver.

Chalita afirma: “Há muitas formas de transmissão de conhecimento, mas o ato de educar só se dá com afeto, só se completa com amor.” (CHALITA, 2004. p.11)

O estímulo só acontece através do afeto e do carinho, o contato entre os indivíduos e as trocas que acontecem durante o período em que permanecem juntos (sala de aula), é o que permite tornar a relação agradável e estimulante.

A afetividade ganha mais espaço e mais valorização dentro das escolas, quando se menciona e se integra o lúdico no desenvolvimento do ser humano, para que seja possível construir aprendizagem por meio da alegria e do prazer.

Os alunos necessitam de motivação, impulsos positivos, palavras de incentivo para que avance em seus conhecimentos, depois do ambiente familiar, a escola é a segunda casa dos alunos, é principal ambiente de formação de indivíduos enquanto seres que pensam, mas também que sentem. A influência que professores e demais

funcionários tem no desenvolvimento das crianças, refletem no bom desempenho deles no aprendizado.

Que fique claro que a educação pelo afeto não visa superar problemas emocionais, mas tem como objetivo, alcançar a temperança que visa o equilíbrio e também busca evitar os descontroles causados pela emoção de cada um e que refletem diretamente no desenvolvimento das nossas crianças.



## 2.4 O PROFESSOR COMO MEDIADOR DO PROCESSO

Sandra Regina de Paula na visão de Mauco afirma: “a afetividade deveria ser a primeira preocupação dos educadores, porque é ela que condiciona o comportamento, o caráter e a atividade cognitiva da criança.” (MAUCO apud DE PAULA, 2010. p.2)

A educação através do afeto tem sido à busca de muitos professores, que já são capazes de identificar a interferência na vida social e cognitiva de seus alunos. Professores precisam se aprofundar na educação pela emoção que deveria ser incluída no currículo escolar.

De Paula ainda aponta Celso Antunes afirmando:

O professor é o único no mundo que tem argila a qual se moldará o amanhã! E por isso que precisa pensar nas melhores ferramentas para realizar suas ações na sala de aula, verificar e buscar os melhores e mais eficientes caminhos para educar. O afeto é um caminho que tem apresentado resultados positivos no percurso da aprendizagem e desenvolvimento dos alunos. (ANTUNES apud DE PAULA, 2010. p.6)

Para que a aprendizagem seja positiva e aconteça de forma controlada e equilibrada é necessário que o relacionamento seja bom, que haja troca de afeto entre ambos, pois se essa situação começa a caminhar por um caminho inverso a esse a criança cria dentro de si um bloqueio e os traumas começam a tomar o lugar do desenvolvimento e também da aprendizagem.

Para La Taylle, Oliveira e Dantas (1992) o professor é peça essencial e fundamental para o desenvolvimento dos alunos, pois ganha espaço importantíssimo, já que está presente em maior parte do tempo em que as crianças estão construindo os seus valores. O relacionamento entre eles não pode gerar desconfiança, ódios, magoas, rancores, pois o professor é o que motiva, incentiva e também é capaz de suprir muitas carências de seus alunos.

Professores buscam diversos métodos para que o ensino seja definitivamente eficiente, mas o caminho é o amor, o bom relacionamento, o diálogo, o carinho que auxiliam e dão suporte ao desenvolvimento da criança em todas as dimensões.

O desenvolvimento intelectual em qualquer idade, desde o início está relacionado diretamente com a relação afetiva. E é o que falta em muitas instituições de ensino,

a troca de afeto entre educadores e alunos não tem espaço, porque o que importa para muitos é apenas adquirir mais conhecimentos e informações, a cobrança é tanta para que tenha boas notas que esquecem que estão lidando com seres humanos, que sentem, tem muitas emoções. É claro que a escola também deve ensinar conteúdos para as crianças isso não deve ser desconsiderado, mas unido ao afeto se torna tranquilo e mais eficiente.

Além de professor temos que ser educadores de sentimentos e não apenas aquele que deposita no aluno conteúdos e mais conteúdos e se esquece que eles são humanos com limites, sentimentos, traumas e carências. Ser amigo dos alunos ajuda na compreensão do que é ser comunidade escolar.

Segundo Cury: “Um excelente educador não é um ser humano perfeito, mas alguém que tem serenidade para esvaziar e sensibilidade para aprender”. (CURY, 2003. p.17)

O professor é a figura em quem se espelham os alunos. Na sala de aula é ele quem dá as ordens, quem dita as regras, o professor transmite seus valores dentro da sala nos momentos que conversam que se expressa, por isso, esse tempo deve ser para o aluno conhecer quem está ali e o que tem para oferecer, a relação precisa ser tranquila para que deixe marcas e lembranças boas e construtivas.

Andrade vem nos afirmar da importância da relação afetiva do professor para com os seus alunos:

O professor precisa estabelecer uma relação afetiva com os alunos e que perceba que como indivíduo, seus alunos também têm algo a oferecer e que a aprendizagem se faz por intermédio das interações que são estabelecidas. O professor oferece por meio de suas atitudes, uma série de informações ao aluno que irão contribuir na formação de seu autoconceito. Portanto, as expectativas que o professor tem para com seu aluno poderão contribuir sobre seu desempenho. O aluno que tem suas características valorizadas pelo professor tende a acentuá-las cada vez mais, enquanto aquele que se sente rejeitado ou discriminado tende a se afastar da situação e acaba por ver as expectativas negativas do professor confirmadas. (ANDRADE, 2007. p.34).

Quando o aluno sente o afeto presente no relacionamento, ele consegue também transmitir confiança naquilo que realiza, ele se permite evoluir, progredir em seus feitos, o que era difícil se torna prazeroso quando é executado com amor.

O papel do professor é destaque quando se fala em relações sociais, pois se um professor acredita no potencial de seu aluno, com certeza lhe dará mais atenção, já um professor que provar o contrário, seu aluno conseqüentemente terá baixa expectativa e poderá influenciar em sua auto-estima.

Ameaçar, cobrar, pressionar só atrapalha o rendimento do aluno ninguém gosta de realizar uma atividade essa forma é preciso calma, paciência, para que o aluno sinta segurança. Os limites na sala de aula são necessários, mas o professor precisa saber ensiná-los e mostrar aos alunos dialogando e com amor, não impondo sem explicar, se compreender também a lado dos alunos. “A relação saudável entre professor e aluno, só contribuirá para o crescimento e a realização de ambos.” (CHALITA, 2004. p. 151).

Algumas pesquisas e também estudiosos apontam que um dos motivos do fracasso escolar provém das relações entre os indivíduos envolvidos. Por esse motivo os educadores devem repensar na sua prática, mas não apenas no que diz respeito aos métodos utilizados, mas no relacionamento que acontece entre ele e seus alunos dentro da sala de aula durante todo período que ficam juntos.

O professor deve ser o modelo para os seus alunos é nele que o aluno se espelha quando está na escola, por isso, ele deve proporcionar para seus alunos, um ambiente agradável, para que eles sejam capazes de controlar os seus sentimentos, atos dentro da sala de aula, quando ocorrer, por exemplo, uma situação de agitação por parte de alunos e professores.

Hoje é muito comum que as crianças cheguem às escolas com uma agitação vivenciadas e presenciadas em casa, nos ambientes que freqüentam, quando elas chegam à escola refletem tudo o que vivenciam trazendo a agitação, a impaciência, inquietação e se o professor que é naquele momento o espelho não tiver um bom relacionamento e um convívio tranqüilo com os alunos na sala de aula, então todo aquele descontrole ocorrerá em dobro.

Os alunos precisam sentir segurança no professor que ministrara as aulas durante todo ano e confiar. Os professores têm o dever de acolher bem esses alunos que chegam e não conhecem nada sobre o professor, como age, o que faz quais os

objetivos, por isso que muitos autores trazem a discussão perante a importância do diálogo entre professores e alunos.

Andrade afirma na visão de Martinelli o que se observa com mais frequência é o fato de que:

(...) o aluno admirado ou valorizado pelo professor tem suas características valorizadas, cada vez mais acentuadas e, conseqüentemente, demonstradas com mais frequência, o que o torna cada vez mais valorizado, enquanto o aluno rejeitado ou discriminado passa a se afastar do professor e, conseqüentemente, se identifica cada vez menos com aquela situação que o discrimina e rejeita. (MARTINELLI apud ANDRADE, 2007. p.26)

Como seria então possível afirmar que um professor está ao lado de todos os seus alunos? A reflexão é uma maneira de pensar em como agir para que nenhum aluno seja desfavorecido na sala de aula.

Os professores devem proporcionar as crianças atividades em que possam liberar suas emoções e energias acumuladas ao longo das atividades, assim como demonstrarem ser dignos de confiança para que estas possam ter segurança em lhes contar o que verdadeiramente possam estar lhes incomodando.

CURY afirma: “Infelizes dos professores que não conseguem aprender com seus alunos e renovar suas ferramentas.” (CURY, 2003. p.53).

As atividades devem carregar em si também um valor afetivo, mesmo sendo difícil devido à preocupação dos professores em formar excelentes alunos que leiam, escrevam e produzam bem.

Uma das formas que podemos colocar como maneira de aprendizagem para os alunos são os jogos utilizados para ensinar. Acredita-se que a interação afetiva auxilia mais na compreensão e na modificação das pessoas, do que um raciocínio brilhante, repassado mecanicamente.

Por esse motivo que professores acreditam que os jogos são de extrema importância para auxiliar na aprendizagem dos alunos, pois é onde eles sentem prazer pelo que realizam e não se torna uma atividade maçante e cansativa, também é onde acontece uma grande interação entre os indivíduos envolvidos. São considerados por muitos excelentes meios de fazer as crianças aprenderem, sem ser forçada.

No momento de um jogo os alunos estão interagindo e tendo maior contato tanto com os colegas da sala como também com o professor que é mediador nos jogos, nesse momento muitas vezes mesmo sem a percepção do professor e dos alunos está acontecendo uma grande troca afetiva.

Segundo De Paula (2010) os brinquedos e brincadeiras incorporados às aulas permitem que a criança se desenvolva de forma natural e prazerosa, pois ela vivencia através do lúdico, relações com o mundo real, conseguindo desta forma controlar seus medos, angustias, alegrias, tristezas, agressividade, etc...O uso de brincadeiras, jogos dentro da sala de aula, permite que o aluno encontre novas formas de aprender, da maneira que o faz feliz.

No ensino fundamental, as relações começam a ser cada vez mais precário talvez um dos motivos seja porque nessa fase os professores não valorizam mais o lúdico, os jogos, as brincadeiras e isso vão aos poucos afastando professores e alunos. A afetividade, no processo educacional, ganha seguidores ao colocar as atividades lúdicas no processo da aprendizagem.

Os alunos que tem proximidade com professores durante a realização das atividades e jogos conseguem ter segurança e desenvolver melhor aquilo que buscam. Os alunos têm tranquilidade e encontram estímulo quando recebem atenção dos alunos.

O professor deve trabalhar para tornar as aulas gostosas, prazerosas, professores que modificam, que se envolvem, conseguem atrair e seduzir os alunos com aulas interessantes. As aulas precisam ser planejadas com amor, com carinho, pensando nos alunos que serão o foco da que foi planejado, para que os resultados sejam eficientes e não tenham nenhum problema. Alunos interessados é resultado de uma excelente aprendizagem, sem revolta e sem pressão. “O professor precisa transformar a matéria que ministra em algo participativo, gostoso, empolgante, e seduzir os alunos.” (CHALITA, 2004. p. 139).

Precisa também estar atento a todos os processos da realização de uma atividade, participar, acompanhar, ajudar, para que o aluno perceba que tem com quem contar, não deve apenas se preocupar com o resultado final, por que o resultado é fruto de um bom processo.

A maneira como cada professora atua, a forma que age nas aulas, as atividades planejadas, são de extrema importância, pois o aluno sente quando é prazeroso e quando é apenas obrigação aprende determinados assuntos.

Andrade vem alertar-nos:

Para realizar as propostas do ensino, o professor deve conhecer bem as possibilidades de aprendizagens do aluno e suas características individuais, para que possa adequar a metodologia de ensino ao aluno. O conhecimento será feito por intermédio da interação e da comunicação, da observação constante de seus processos de aprendizagem e da reavaliação da proposta a cada nova fase do processo. O professor como mediador do processo deve ajudar ou facilitar os alunos a construir aprendizagens significativas e, para tal, precisa atribuir um sentido pessoal à aprendizagem para que os alunos compreendam não apenas o que têm de fazer, mas também por que e para quê. (ANDRADE, 2007. p. 34)

A participação ativa dos alunos acontece quando estes sentem que podem ter êxito em sua aprendizagem e para isso devem ser propostas atividades que eles sejam capazes de resolver com as ajudas necessárias, e sejam encorajados pelo esforço e não pelo resultado.

Concluimos apontando a visão de Paulo Freire apontado por Cury sobre a extrema importância de refletir um pouco sobre o que pretendemos ensinar, como devemos agir, já que o erro pode vir até de dentro das faculdades de pedagogia: “As escolas de pedagogia falham por não estimularem seus professores a se humanizarem em sala de aula.” (FREIRE apud CURY, 2003. p.138).

## CAPÍTULO 3 - A IMPORTÂNCIA DO AFETO NO VINCULO PARENTAL

### 3.1 O AFETO NA FAMÍLIA

Letícia Cavali em uma reportagem para a Revista Canção Nova nos relata: “Uma vida com sentido é uma vida com amor. É fazer tudo por amor e com amor. Amor até os últimos suspiros. Nossa vida perde o sentido quando perde o essencial. E o essencial é o amor. (CAVALI, 2010. p. 15)

O amor brota desde a gestação, o afeto é um processo de convivência familiar e social, mas a prática afetiva se dá em primeiro lugar dentro do lar, ambiente onde a criança convive até que possa ser inserida em outro ambientes. Nesse sentido notamos que a criança é extremamente dependente dos pais, suas manifestações serão para chamar a atenção daqueles que estão com ela todo tempo, a família, por isso a importância da presença dos mesmos para seus primeiros desenvolvimentos.

Pais, irmãos são o sentido para essa criança que chega ao mundo sem compreender muitas coisas, é a direção, é na família que a criança vai buscar auxílio quando sentir dor, incômodo, insatisfação. É essencial que o amor esteja presente na relação familiar, para que de maneira positiva a bebê receba os estímulos sem traumas, seja apoiado e incentivado sempre que necessitar.

A boa convivência tornará a criança autônoma, confiante e ela saberá conviver bem com as outras pessoas, demonstrando afeto, carinho, entre outras coisas. A família é o início e o fim de todas as coisas, pois é ela quem permanecerá ao nosso lado enquanto existirmos.

Para José Antonio Baltazar, Lucia Helena Tiosso Moretti e Maria Cecila Balthazar na visão de Ivan Capelatto:

A família é, ao mesmo tempo, o lugar onde temos nossas maiores sensações de alegria, felicidade, prazer e amor e o lugar de onde trazemos tristezas, desencontros, brigas e ódio. É na família que aprendemos a linguagem mais complicada da vida: somos capazes de agredir com a maior profundidade de nosso ser as pessoas que mais amamos no mundo. Então, é na família e nas suas relações que encontramos nosso maior e mais

profundo amor e nosso maior e mais profundo ódio. (CAPELATTO apud BALTAZAR, MORETTI E BALTHAZAR, 2006. p.27)

Hoje em dia é muito comum que a formação familiar seja diversificada, uma vez que a sociedade moderna nos mostra que família não são mais apenas pai, mãe e irmãos, mas pode ser de varias figuras que muitas vezes não são conhecidas pelas crianças. Dessa maneira fica difícil que exista uma única autoridade em casa, ou que a criança se espelhe em alguém, pois muitas vezes não sabe mais se a mãe é a avó ou a tia ou a mãe.

Como será que as crianças estão sendo educadas nesse meio que era para ser a base a estrutura física, psicológica, emocional delas? Fica difícil, pois que boa convivência terá se a cada dia um cuida, não tem ao certo em quem confiar se apoiar.

E ainda existe uma diversidade de conflitos entre as pessoas que moram e cuidam dessa criança, muitas vezes elas não têm aceitação nem mesmo por parte dos pais, quanto mais dos demais que ocupam seu lar.

As famílias que ainda se mantêm firmes na estrutura carregam também no mundo atual, o peso da grande carga horária de trabalho para melhorar as condições de vida, dessa forma pais e filhos mesmo morando e compartilhando o mesmo ambiente, não tem um bom diálogo, pois passam tanto tempo longe que parecem desconhecidos quando estão juntos.

Segundo Cury (2008), é muito importante que mesmo que os pais tenham outras preocupações profissionais, financeiros é preciso que se dediquem e façam do pouco tempo que têm grandes momentos com os filhos.

É preciso tornar os momentos validos para a educação dos filhos, perguntar como foi o dia, se estão bem, se precisam de algo, o que fizeram, com quem estiveram, para que eles se sintam importantes mesmo que não passe o tempo todo junto. Não importa o tempo que passam juntos, mas a qualidade da educação que os pais darão nesse tempo. Cury ainda afirma: “Se destruímos o diálogo, como se sustentará a relação pais e filhos” (CURY, 2008. p. 33)



O diálogo é extremamente importante e não pode se perder no âmbito familiar, pois é por esse caminho que pais e filhos se conhecem a cada dia e ganham um do outro a confiança e o afeto.

Como tem sido a educação idealizada pelos pais atuais, como é que eles tem se preocupado com a vida dos seus filhos, qual interesse de criar filhos para viver nesse mundo?

Muitos apenas pensam no futuro brilhante que o filho precisa ter como profissional e desde muito pequenos os filhos são “forçados”, a realizar apenas o que os pais idealizam. O amor pelo filho a preocupação com o emocional, junto com o intelectual se perde, pois o valor sentimental já não existe desde a gestação desta criança.

Chalita afirma: “A falta de afeto, de carinho, de participação dos pais na criação dos filhos pode deixar-lhes uma marca indelével que o tempo não apaga”. (CHALITA, 2004. p 96)

Os pais devem ser bons exemplos para que os filhos sejam educados de forma tranqüila e concreta. Não é simples educar um filho, mas é essencial saber que o afeto é fundamental na educação e construção do ser humano, por isso é com amor que os pais devem corrigir, chamar atenção, ser justo, apoiar, incentivar. A educação depende também do amor.

Cury segundo Daniel Goleman afirma:

(...) se os pais educam a inteligência emocional dos filhos quando eles esperam uma bronca, com um ato de coragem quando eles pensam que os pais serão agressivos, com amor quando espera um ataque nervoso, de ira, os filhos serão encantados e confiarão que a família é uma grande agente da mudança de atitudes e sentimentos. (GOLEMAN apud CURY, 2008. p.27)

As atitudes dentro de casa devem ter valor significativo na educação dos filhos, pois são a partir desses atos que eles construirão seus hábitos, valores, conceitos. Idéias, sentimentos que os acompanharão por toda a vida.

Agir de maneira equilibrada, saber resolver as situações de conflito em casa com um bom diálogo, tornará os filhos bons cidadãos, bons alunos, boas pessoas. Autônomas, responsáveis, calmas, e equilibradas.

Içami Tiba destaca: “A auto-estima começa a se desenvolver numa pessoa quando ela é ainda um bebê.” (TIBA, 2002. p. 54)

O vínculo afetivo que foi estabelecido na relação parental e o padrão de apego nas interações mãe-filho, assim como o estilo educativo a que foi submetido contribuem na construção da auto-estima e interfere quanto ao seu caráter.

O carinho e os cuidados desde que a criança é apenas um bebê mostram a ela o quanto é amada. Por isso a importância da presença da família desde os primeiros anos de vida, que resultarão numa infância e adolescência sem traumas e sem problemas psicológicos, emocionais e sociais.

Chalita afirma: “A família é essencial para que a criança ganhe confiança, para que se sinta valorizada, para que se sinta assistida.” (Chalita, 2003. p.26)

A confiança e o amor da família começam desde a gestação da mãe, onde o casal deve demonstrar o amor que sentem por aquela criança que nem nasceu. Ao nascer o bebê já reconhece a voz, já sente confiança naqueles que o acompanharam desde sua geração no ventre materno.

Segundo Tiba: “Os pais podem fornecer aos filhos a base para formar a felicidade, seja materialmente, oferecendo-lhe condições básicas de sobrevivência, seja psicológica, através da educação.” (TIBA, 2002. p. 72)

Educar um filho é promovê-lo para ser autônomo, dando a oportunidade de crescer e se desenvolver bem em cada fase, oferecendo uma educação de qualidade, uma educação que realmente o educará em todos os sentidos de sua existência.

O empenho em educar um filho, o interesse em oferecer o melhor, depende da disposição dos pais em buscar o melhor caminho, buscar as melhores condições, mesmo que muitas vezes não saiba de que forma agir, mais tentar oferecer uma boa educação, pois ela jamais será roubada dos filhos, que tem a missão de mostrar tudo de bom que os pais lhe deram, na infância, adolescência, etc.

## 3.2 A FAMÍLIA E SUA INFLUÊNCIA NA ESCOLA

A relação que caracteriza o ensino e a aprendizagem das crianças transcorre a partir de vínculos entre as pessoas e esse vínculo tem início no âmbito familiar que é o primeiro contato da criança.

É papel da família e também dos educadores, integrar o que amamos e o que pensamos, trabalhando de uma só vez a razão e a emoção. São indissociáveis e não podem caminhar separadamente, pois pode vir a causar um sério problema no desenvolvimento intelectual dos alunos.

A educação das crianças é responsabilidade dos pais em união com a escola, quando esse vínculo se estabelece concretamente e há responsabilidade de ambas partes, é positiva, não é efetivamente concluída a educação por apenas uma delas, o trabalho tem que ser contínuo.

Segundo Chalita: “A tarefa de todo educador, não só do professor é a de formar seres humanos felizes e equilibrados.” (Chalita, 2003. p.13)

O papel dos outros (pais, professores, educadores) no processo de aquisição de novos conhecimentos, é fundamental para que aconteça de forma positiva sem causar falhas no decorrer do desenvolvimento da criança envolvida.

O sucesso ou ainda o fracasso na vida escolar das crianças está inteiramente ligada às relações familiares. O incentivo dos pais e o que eles desejam para o futuro de seus pequenos pode ser positivo ou não no processo de aprendizagem durante toda a vida escolar.

Quando o afeto não está presente na família, a criança passa a se desinteressar dos assuntos, perde a motivação, não busca novas coisas, têm seus valores reduzidos, a auto-estima fica baixa, o entusiasmo pelas atividades diminui e dessa forma a criança começa a ser improdutiva no que realiza.

Quando os pais se mostram interessados e motivam os filhos, quando perguntam e se preocupam com as atividades realizadas e as práticas feitas na escola, as crianças apresentam muita evolução, se desenvolvem com mais naturalidade sem

precisarem ser forçadas, aprendem com apoio de alguém e esse alguém tão importante que é a família.

É através de outros que cada indivíduo estabelece relação com o objeto de conhecimento, pode-se afirmar que é através de outros que a elaboração cognitiva se estabiliza.

Para Almeida: “A afetividade manifesta-se primitivamente no comportamento, nos gestos expressivos da criança” (ALMEIDA, 2007. p. 42). As crianças desde bem cedo precisam sentir que seus cuidadores (pai, mãe, professores) estão atentos as suas manifestações, pois como afirma a autora o manifesto de seus sentimentos são gestos expressivos, ou seja, a presença de pessoas responsáveis por eles é indispensável, uma vez que a aproximação e o convívio tornam a percepção do adulto sensível as emoções da criança.

A criança traz para o ambiente escolar toda a carga afetiva de seu desenvolvimento com seus familiares, os problemas emocionais surgirão nos contatos que se estabelecerá e, as crianças que tenham desenvolvido a inteligência emocional saberão lidar com as frustrações que este ambiente e suas relações lhes proporcionarão. Cabe ao professor e aos profissionais envolvidos nesta relação propiciar um ambiente acolhedor e de compreensão para que as crianças possam desenvolver suas potencialidades amplamente.

Andrade afirma:

Pais autoritários, agressivos e abusivos que tendem a humilhar os filhos com castigos, gritos, críticas e agressões podem ter filhos agressivos. Estas crianças revelam sua agressividade, na escola, depreciando seus colegas, com apelidos pejorativos, quando mostram todo o sentimento de revolta e ressentimento. Em geral são sensíveis às críticas, indisciplinados, não se comprometem com o ensino e procuram fazer barulho para irritar ou chamar atenção dos professores. (ANDRADE, 2007. p.28)

A transmissão de afetividade na educação da criança dentro da escola, mas também no lar (família), tem como manifestação um olhar, um toque, a entonação da voz, a expressão do corpo que é muito perceptível para a criança e tem um grande significado para ela nos momentos de medo, indecisão, realizações, etc.

A criança autônoma e bem resolvida é aquela que encontra em casa todo amor, apoio e segurança que precisa. A escola é um caminho para a criança experimentar o amor, o carinho, mas não supre o que a criança não experimentou em sua casa. É preciso que esse processo de bom relacionamento comece no ambiente familiar.

Chalita declara explicitamente: “Por melhor que seja a escola, por mais bem preparados que estejam seus professores, nunca vai suprir a carência deixada por uma família ausente.”(CHALITA, 2003. p.17).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nosso trabalho de pesquisa teve como principal finalidade compreender a importância da afetividade na aprendizagem de nossas crianças de maneira que possam através do desenvolvimento contribuir para o ser em formação.

Através da pesquisa observamos que a afetividade e a educação é um desafio para a aprendizagem significativa e consistem num processo de educação para a vida, numa parceria entre professores, famílias e alunos, peças fundamentais para o sucesso na educação.

Confirmamos dessa maneira que a formação não acontece apenas na dimensão cognitiva, mas também pela dimensão afetiva. Nesta perspectiva concluímos que a afetividade e a educação emocional estão intrinsecamente ligadas com a aprendizagem. Nesse sentido o afeto perpassa o funcionamento psíquico assumindo papel organizativo e formativo nas ações exercidas pelo ser humano.

Compreendemos que o papel do educador não está somente em ministrar aulas e deixar o fator afetivo de lado, já que é de extrema importância a relação professor/aluno sem esquecermos que o desenvolvimento integral da criança depende de ambos os fatores.

Fica, portanto claro a necessidade de se cuidar do aspecto afetivo do ser em sua aprendizagem, são seres que para ter um sucesso na sua educação e pleno desenvolvimento necessitam de uma considerável dose de afetividade.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Ana Rita Silva. **A emoção na sala de aula**. 6. ed. São Paulo: Papirus, 1. ed. 1999, 6. ed. 2007.

ALMEIDA, Lourinda Ramalho de; MAHONEY, Abigail Alvarenga. **Afetividade e Aprendizagem: Contribuições de Henri Wallon**. São Paulo: Loyola, 1992.

ANDRADE, Agivanda Soares. **A influência da afetividade na aprendizagem**. 2007. 43 f. Tese (Especialização em Psicopedagogia Reeducativa), Unievangélica Centro Universitário, Brasília, 2007.

BALTAZAR, José Antonio; MORETTI, Lucia Helena Tiosso; BALTHAZAR, Maria Cecília. **Família e escola um espaço interativo e de conflitos**. São Paulo: Arte e Ciência, 2006

CAVALI, Letícia. Na busca de um verdadeiro sentido. **Revista Canção Nova**, Cachoeira Paulista, Ano IX, n. 118, p. 15, out./2010.

CHALITA, Gabriel. **Educação: A solução está no afeto**. São Paulo: Gente, 1. ed 2001, 2004 edição revista e atualizada.

CURY, Augusto Jorge. **Pais Brilhantes Professores Fascinantes**. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

**Dicionário Novo Aurélio da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

**Dicionário Novo Aurélio da Língua Portuguesa Século XXI.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

**Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

DE PAULA, Sandra Regina. **Afetividade na Aprendizagem.** São Roque, v.1, n.2, 2010. Disponível em: <<http://www.facsaroque.br/novo/publicacoes/pdfs/sandra.pdf>> Acesso em: 20 julh. 2010.

LA TAYLLE, Yves de; OLIVEIRA, Marta Kohl; DANTAS, Heloysa. **Piaget, Vygostsky, Wallon: Terias Psicogenéticas em discussão.** São Paulo: Summus, 1992.

MANDELBAUM, Berlinda. É hora de rever o conceito de família desestruturada. **Revista Nova Escola**, São Paulo, ano XXV, n. 234, p. 34-36, ago./2010.

PANIZZI, Conceição A. F. Lima. A relação afetividade-aprendizagem no cotidiano da sala de aula: enfocando situações de conflito. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/27/gt13/t132.pdf>> Acesso em: 10 nov. 2010.

TIBA, Içami. **Quem ama educa.** São Paulo: Gente, 2002.

VYGOSTSKY, Lev Semwnovitch. **A formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes, 1994.